



O CRAVO NÃO BRIGOU COM A ROSA
PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Ana Paula Gomes

Imagens | José Fernandes
(detalhe: Aramado, 2011, mista s/ papel)

«A rosa é sem porquê;
floresce porque floresce,
não cuida de si própria,
não pergunta se a vemos».
Angelus Silesius¹

Vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e cinco. Era uma menina e tinha oito anos de idade quando a revolução dos cravos na terra dos pais comemorou um ano de acontecimento. Portugal, a fonte de sua língua materna, há um ano saíra de uma ditadura que durava desde 1933, numa ação conjunta das forças armadas com a força popular.

Era um enigma para a menina tantos cravos passeando pendurados nas roupas dos senhores e senhoras e uma música entoando como um hino: “Grândola Vila Morena, Terra da Fraternidade”. Que vila, que lugar era aquele e o que era fraternidade faziam também parte do mistério. Tudo isso se misturava à emoção de pertencer a uma família para além do pai e da mãe e do irmão. Eram primos e mais primas que chegavam de lugares desconhecidos, juntamente com tios e tias que permitiam uma eleição de afetos: o tio mais divertido, a tia mais dura, a prima mais bonita, o primo mais inteligente, mas o mais fundamental era a alegria de brincar na rua do Bairro Municipal onde residia a avó que reunia toda a família. No final da rua, a cadeia municipal onde estavam detidos prisioneiros cujos delitos imperavam como mais uma incógnita na cabeça da menina. Esse dia se destaca num ano de convivência intensa com uma família que nunca mais se reuniria daquela maneira. Um dia de cravos, de risos, de sons e de beijos. Meses depois, a menina retornaria a seu país.

Nesse retorno, a menina voltou aos estudos, nos quais não estava incluída a história presente de seu Brasil. O que a menina não sabia é que o motivo daquela comemoração com cravos, o final de uma ditadura, precisaria ainda de dez anos para acontecer na sua pátria. A menina não sabia que aquilo que comemorara por seu fim era razão de tantos silêncios e sofrimentos, que perdurariam por tanto tempo e ainda hoje na história do mundo e do seu país.

Na semana dos quarenta e um anos da Revolução dos Cravos, a não mais menina lembrou que comemorou o primeiro ano da referida manifestação no auge de seus oito anos de idade, quando se indagava sobre o motivo de tanto orgulho de cravos andantes na lapela. Recordava um ar de liberdade, o aroma de novos tempos, a despeito das incertezas e o hino de Zeca Afonso retumbando nos corações e arrepiando a pele. Quarenta anos depois, tudo isso ainda estava muito vivo na mulher, e os sentidos, ainda mesmos e já outros, apenas retificam e ratificam o sangue da cor do cravo da terra que lhe deu pai e mãe. Herança simbólica desta língua portuguesa que

fez Pessoa, Helder, Saramago, Camilo, Eça, e tem no seu tesouro a palavra saudade.

Nessa mesma semana, além dos quarenta e um anos do fim da ditadura de Salazar e seu sucessor Marcelo Caetano em Portugal, marcam-se também os cem anos do genocídio armênio, os quarenta anos do início do genocídio cambojano pelo Khmer vermelho, regime que massacrou o Camboja até 1979, e a comemoração dos cinquenta anos de uma emissora de televisão. A agora mulher assistiu a dois documentários nessa mesma semana: “A imagem que falta”, do documentarista Rithy Panh, que retrata, ou melhor, busca resgatar uma imagem que explique o genocídio cambojano já citado;² e “Nostalgia da Luz”, de Patrício Guzman, rodado no deserto do Atacama, cenário onde mulheres buscam os restos de seus entes queridos, mortos pela ditadura de Pinochet.³

Alguns enigmas da menina foram desvendados. Ela descobriu o porquê dos cravos, o que era uma ditadura, que o Brasil também passava por uma enquanto ela comemorava o fim da outra. Mas levou muito tempo para a menina, que nasceu na ditadura e nela viveu até seus dezoito anos, ter acesso à verdade dos horrores e sofrimentos pelos quais alguns passaram, para que alguma liberdade fosse possível para a mulher na qual se transformou. Pois, como disse Bernardo Kucinski, numa feira literária na qual ela esteve presente, “o fim da ditadura militar no Brasil foi um processo gradual, lento e bem sucedido. Da ditadura militar à ditadura midiática”. Essa fala levou-a ao livro “K. Relato de uma busca”, do referido autor, no qual ele relata a angústia da busca pela irmã morta e desaparecida no regime militar. Num dos capítulos finais do livro, o autor fala sobre a culpa dos sobreviventes. Esses que vivem o presente apenas por algum tempo, pois, vencido o espanto de ter sobrevivido, ressurgem os demônios do passado. A culpa. A culpa de não ter percebido que algo estava errado, de não ter feito isto ou aquilo. A culpa de ter sobrevivido. A culpa que espanca o sujeito e o deixa sempre em dívida perante um ideal do ser. Um ser de perfeição que não poderia deixar seu ente querido morrer. O fascismo de um regime militar se incorpora no sobrevivente como um fascismo pessoal.

As massas encontram na figura de um líder o lugar de Ideal alimentando o narcisismo dos sujeitos, levando à suspensão do aprisionamento das pulsões destrutivas e a um ódio selvagem. As massas não têm dúvidas, são intolerantes e crentes na autoridade. Respeitam a força e

exigem de seus heróis até mesmo a violência. Freud nos esclarece em seu célebre “Psicologia das massas e análise do eu”: *Em muitos indivíduos a separação entre Eu e Ideal do eu não progrediu bastante, os dois coincidem facilmente, o Eu conserva amiúde a anterior autocomplacência narcísica. A escolha do líder é bem facilitada por estas circunstâncias.*⁴ Essa configuração do sujeito é estrutural, não escolhe tempo nem local. A Alemanha de Hitler, o Brasil dos generais, Portugal de Salazar, A Espanha de Guernica, O Camboja do Khmer vermelho, o Chile de Pinochet.

Esse último, o Chile, viveu sob o domínio da ditadura do general Pinochet, desde o primeiro 11 de setembro fascista da história, em 1973, até 1988, quando um plebiscito que intencionava legitimar o referido general no poder, justamente o derrubou. Os horrores do Chile já estavam sob a vigilância do mundo e não havia saída para a ditadura comandada por Pinochet a não ser referendá-la pelo voto popular. O filme “No”, do diretor Pablo Larraín, mostra como o publicitário René Saavedra, protagonizado por Gael García Bernal, promove uma campanha usando a estratégia da propaganda, tendo apenas quinze minutos diários na televisão, orientando a população chilena para o voto do não.⁵ O poder da mídia - informação é poder - tanto pode modelar as massas para o bem, quanto para o mal. Depende do ideal que se veicula, mas não é sem o fascismo do Ideal, de um Outro que dê garantia, fascine até o fanatismo, que uma massa é liderada.

Em “Nostalgia da Luz”, belíssimo documentário de Patricio Guzmán, assistimos às dores dos familiares que tiveram os seus entes queridos mortos na ditadura chilena. O filme é rodado no deserto do Atacama, que ocupa o único espaço marrom no globo terrestre, fala dos corpos celestes que têm uma visão privilegiada desse lugar do planeta e conta a história dos restos de corpos humanos espalhados no deserto e depois rastreados pelas mulheres em busca de seus mortos. Antígonas, que passam anos no deserto para poder enterrar seus entes dignamente. Uma certa travessia no deserto do fascismo militar ao fascismo pessoal, onde o herói antes encarnado na figura de um Outro absoluto ganha corpo em frágeis corpos de mulheres, heroínas trágicas que passam da culpa ao desejo, numa posição ética de inscrever a morte dos seus.

Somos feitos do mesmo cálcio das estrelas, mas nem todos, no horror de uma ditadura, têm a chance de serem nomeados com a morte. Permanecem insepultos e deixados em caixas num depósito, restos reais que podem não fazer causa. Mas somente para quem não tem memória.

Quem tem memória pode viver o frágil tempo do presente, pois atravessou a necessária alienação constitutiva ao Outro, que lhe deu lugar. Quem tem memória teve um lugar no mundo, e mesmo tendo vivido a censura imposta por uma ditadura, que impedia o acesso à verdade dos fatos, pode retificar sua história e ter uma outra leitura do mundo. Quem tem memória, pode se lembrar, e se fazer representar, representar-se no voto ao não, por exemplo, que derruba um ditador e muda o curso da história. Mas essa alienação necessária ao Outro pode ser fatal, quando não se pode dizer um não a esse Outro que fascina com a garantia de um Ideal.

A menina que não sabia sobre tantas coisas, sabia dos cravos. Descobriu Grândola, vila morena, no mapa pessoal e no mapa do mundo, na paisagem e travessia desértica do Além/Tejo que fez da menina uma mulher. Essa, a mulher, até hoje se pergunta o que é a fraternidade na terra, com seus corpos celestes e flores. Dos cravos ela soube, mas o enigma da rosa sempre houve.

Abril/2015

¹ SILESIUS, Angelus, *A rosa é sem porquê*. Lisboa, Veja, 1991, p. 49.

² *A imagem Que Falta*. Dirigido por Rithy Panh. Camboja, França. 2013. Documentário.

³ *A Nostalgia da Luz*. Dirigido por Patricio Guzmán. França, Chile, Espanha, Alemanha, EUA. 2010. Documentário.

⁴ FREUD, Sigmund (1921), *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 15.

⁵ *No*. Dirigido por Pablo Larraín. Chile. 2012. Filme.